

Maria Francisca Macedo

# o Clube dos Cientistas

## Um Estranho Caso na Quinta



Contém  
incríveis  
experiências  
científicas

# ÍNDICE



— Um Estranho Caso na Quinta .....	11
· Capítulo 1: Uma manhã em cheio .....	12
· Capítulo 2: Uma reviravolta inesperada .....	17
· Capítulo 3: A investigação começa .....	22
· Capítulo 4: Um susto de morte .....	26
· Capítulo 5: O perigo espreita .....	30
· Capítulo 6: Outra vez enganados? .....	34
· Capítulo 7: No rasto do criminoso .....	39
· Capítulo 8: Num galinheiro há que falar... galinhês! .....	44
· Capítulo 9: O criminoso é finalmente descoberto! .....	48
· Capítulo 10: Uma ótima surpresa! .....	51
· Capítulo 11: A chave! .....	57
— Caderno de Experiências .....	61
— Explicação de símbolos .....	62
— Sobre a autora .....	95

# Um Estranho Caso na Quinta





## UMA MANHÃ EM CHEIO

Estava tudo tranquilo, o Chico e o Carlos ainda não tinham saído do seu quarto.

— Corta os caules de baixo para cima, mano. Com muito cuidado... — sussurrava o Carlos, explicando ao irmão o que deveria fazer.

Os gémeos estavam sentados no chão do quarto, rodeados de frascos e de flores brancas. O Chico, o mais aventureiro, cortava os caules das flores, dividindo-os. O Carlos, o mais ponderado, ia colocando água nos frascos e em cada um deitava gotas de corante. Três frascos de água amarela, três de água vermelha, três de água azul. Com todo o cuidado, os gémeos puseram os frascos com água colorida em cima da secretária e foram introduzindo as flores brancas neles, meio caule para dentro de cada frasco.

— Estas flores vão ficar uma loucura! — disse o Chico, entusiasmado, passando ao irmão o último frasco de água azul.<sup>1</sup>

Estava tudo a correr bem... não fosse a Catarina ter entrado de rompante.

— PARABÉNS! — gritou ela.

— Ai! — gritou o Carlos ao mesmo tempo, dando um salto ... e entornando o frasco para cima da irmã.

Fez-se um segundo de silêncio. Os gémeos olharam para a irmã, parada à porta, cabelo azul a pingar e ainda a tentar perceber o que lhe tinha acabado de acontecer.

— Er... Desculpa? — sussurrou o Carlos, a medo, tentando esconder um sorriso. O Chico, por outro lado, não tentava esconder nada e começou a rir-se.

— Parece um mirtilo! — dizia ele, entre gargalhadas.

— Eu cá diria que ela parece uma arara azul! Azul e despen-teada! — riu-se o Carlos, juntando-se às gargalhadas do irmão.

A Catarina limpou a cara com o braço, tentando manter a compostura, e esboçou um sorriso.

— Riam-se, riam-se! Mas não por muito tempo. As vossas prendas ficaram molhadas; se estivesse no vosso lugar, abria-as depressa, antes que se estraguem.



---

<sup>1</sup> Para transformar flores brancas em flores de mil cores, procura no Caderno de Experiências, na página 63, «Flores Arco-íris Malucas».

Nesse momento, os irmãos repararam que a Catarina tinha um presente em cada mão. O Carlos foi o mais rápido a aproximar-se da irmã e a receber a sua prenda.

— Obrigado, Cat! — disse ele, desfazendo o embrulho retangular em três tempos até ver o livro que continha. — Uau! Um guia sobre geologia, rochas e grutas! Vou começar a lê-lo já esta noite! — E foi arrumá-lo na sua estante, cheia de livros de todos os tamanhos e feitios, organizados por temas.

O Chico levou mais tempo a reagir, pois estava a tentar parar de se rir, e quando se aproximou da irmã ainda tinha um sorriso gozão na cara. A sua prenda era bem mais pequena. Quando a desembulhou, encontrou uma minúscula embalagem de plástico comprada numa loja de animais.

— Hum... Obrigado, mana, mas... isto é comida para peixes? Eu não tenho peixes... — disse ele, olhando para a sua estante. Ao contrário da do irmão gémeo, a sua estante não tinha livros arrumadinhos; tinha frascos com variadíssimos animais que ele apanhava no quintal e adorava ir observando com a sua lupa: girinos, caracóis, bichos-de-conta, aranhas... mas nenhum peixe. Nem um. Para quê a comida de peixe?

A Catarina sorriu e trocou olhares cúmplices com o Carlos, que a tinha ajudado a escolher a prenda do Chico.

— Não é comida, tonto, são ovos. Ovos de macacos marinhos. Pões em água salgada e podes ficar a ver como nascem e crescem com essa lupa que tanto adoras.

O Chico olhou para os irmãos, incrédulo.

— Isto é real, Carlos? Macacos marinhos? Que criaturas estranhas são essas? Espera lá... estão a gozar comigo, não é?

— Não, mano — tranquilizou o Carlos —, é mesmo real! Deitas alguns ovos em água, e daqui a um dia ou dois eles nascem e consegues vê-los a nadar pelo frasco!

— UAU! — gritou o Chico, fascinado, imaginando já um bando de macacos marinhos a viver no velho aquário que tinha guardado debaixo da secretária. — Obrigado, Cat! Que espetáculo de prenda! Adoro!<sup>2</sup>

Quando a mãe entrou no quarto dos gémeos, encontrou o Francisco abraçado com toda a força à irmã mais velha. A Catarina, além de ter a cara vermelha com o aperto do irmão, estava encharcada de água azul e com o cabelo a pingar.

— Eu nem quero saber o que é que aconteceu aqui, para não me zangar no vosso aniversário! Vim só dizer que o João e a Rita estão quase a chegar e vamos todos fazer um piquenique!

— Um piquenique? Onde? — quis saber o Carlos, que gostava de ter tudo sob controlo.

— Bem, hoje o dia foi planeado a pensar em vocês, por isso só podia ser num lugar com animais. Vamos à quinta pedagógica! Levamos bolo de aniversário, sumos e sandes —

---

<sup>2</sup> Os Macacos Marinhos (em inglês, *Sea Monkeys*) são reais! Queres criar um bando deles? Descobre como na página 69 do Caderno de Experiências.

respondeu a mãe, sorrindo para os gémeos. — Catarina, vai trocar de roupa. Meninos, componham-se e desçam, para receber os vossos primos. Ah, e... parabéns — concluiu, dando um beijo carinhoso a cada um e saindo sorridente e pensativa.

— Boa! Um dia de sol, um piquenique, animais, os primos... temos todos os ingredientes para uma aventura! — pensava o Chico, enquanto ouvia a mãe descer as escadas.

— Espero que não — murmurou o Carlos, que preferia um dia de aniversário calmo e sem surpresas.

Mal sabia ele que o dia ia ser tudo menos calmo!





## UMA REVIRAVOLTA INESPERADA

O João e a Rita chegaram com os pais, pouco depois. A Catarina já tinha trocado de roupa e os manos estavam de mochilas às costas, prontos para a aventura. Enquanto os adultos conversavam um pouco, os primos aproximaram-se.

A Rita tinha 12 anos e, embora fosse da mesma idade da Catarina, era mais alta. Tão alta como o seu irmão João, que já tinha 13.

— Então, minorcas, como é que vão? — perguntou o João aos gémeos, enquanto lhes despenteava o cabelo. Ele sempre gostara de provocar aqueles dois. — Ouvi dizer que fazem anos hoje! Além disso, é sábado, não há escola! Para quê as mochilas?

— Olá, João! — respondeu o Chico, abraçando o primo de quem tanto gostava. — As mochilas têm coisas para explorar

a quinta! Lupas, um canivete suíço, lanternas, lápis e um caderno para tirar notas... Nunca se sabe o que pode acontecer, mais vale levar tudo!

— Eia! E é preciso levar DUAS mochilas? — continuou a Rita, sorrindo. Sempre achara piada aos primos mais novos.

— Eu levo livros na minha mochila — respondeu o Carlos. — Assim o Chico pode entreter-se com as suas aventuras e eu fico à sombra de uma árvore a ler!



A mãe aproximou-se, interrompendo a conversa:

— Vamos andando para o carro! João e Rita, vocês vêm conosco.

— Os tios não se juntam a nós? — quis saber a Catarina.

— Não vamos poder ir, Catarina. — responderam eles. — Temos alguns assuntos a tratar. Mas vão vocês com os primos e divirtam-se.

Como não cabiam todos num carro, a Rita e a Catarina foram no da mãe e os rapazes foram com o pai. As raparigas ainda tinham de arrumar os preparativos para o almoço na bagageira, por isso foram os rapazes que chegaram primeiro à quinta.

— Olhem, minorcas! Parece que os visitantes estão a sair... e o guarda está a fechar os portões!

Mal ouviram o comentário do João, os gémeos lançaram-se em direção ao guarda da quinta, na esperança de que o primo estivesse enganado. O João correu atrás deles. Iria o dia terminar ainda antes de ter começado?

— Bom dia, senhor guarda, como está? — disse o Carlos educadamente.

— Porque estão os portões a ser fechados e os visitantes a sair? — perguntou abruptamente o Chico, que preferia ir direito aos assuntos.

— Bom dia, meninos. Vinham visitar a quinta? Oh, que pena... não tenho boas notícias. A quinta foi vandalizada esta manhã! Destruíram o barracão onde temos guardadas as ferramentas, estragaram as sacas com as colheitas de batatas que tínhamos lá armazenadas e ainda levaram alguns mantimentos que estavam guardados para os trabalhadores. Uma vergonha, um ato de pura maldade! — lamentou-se o guarda, enquanto tirava o boné e coçava a careca.

— Ouvi bem? A quinta foi vandalizada? Isso dava uma boa reportagem! — comentou a mãe, que, entretanto, chegara com o pai e as raparigas.

— Oh, tia, não pense em trabalho agora — disse a Rita, a sorrir. — Se não nos deixam entrar, os gémeos não terão o seu piquenique de aniversário!

Foi a vez de o pai falar, piscando o olho aos filhos e usando o seu tom de voz mais seguro.

— Sabe... aqui os meus filhos são excelentes a investigar coisas e a desvendar mistérios! Porque não os deixa entrar um pouco, a ver o que eles conseguem fazer? Se eles não conseguirem, eu mesmo investigarei o assunto: sou detetive profissional — disse, mostrando a sua identificação.

O guarda continuava a coçar a cabeça, cada vez mais indeciso.

— Não sei... — dizia ele —, estou a mandar sair todos os visitantes porque a quinta não é segura... E eles são só crianças...

— Eu cá não sou criança nenhuma! — interrompeu o João, enchendo o peito de ar. — Já sou um jovem responsável. Posso vigiar os meus primos e garantir que estão em segurança!

— Sim, sim! Por favor! Dê-nos uma oportunidade! Ainda para mais, hoje é o nosso aniversário! — imploraram os gémeos, olhando para o guarda e sorrindo de forma convincente.

— Hum... Eu... Ah, pronto, está bem! Vou dar-vos uma oportunidade. Mas olhem que é muito pequena: têm uma hora, enquanto eu acabo de arrumar umas coisas. Repito: têm uma hora, nada mais. Depois, fecho definitivamente a quinta e chamo a polícia.

— Uma hora? — começou o Carlos a argumentar. — Isso não dá para nada! — Mas foi imediatamente interrompido por duas fortes cotoveladas das raparigas, uma de cada lado.

— Cala-te... — sussurrou a Catarina, entredentes.

Enquanto isso, a Rita exclamou alto:

— Aceitamos! Vemo-nos daqui a uma hora, com o caso resolvido!

O guarda abriu-lhes o portão, devagar, ainda inseguro de os deixar entrar; os pais ficaram perto da entrada, conversando com ele e distraíndo-o.

As raparigas agarraram o Carlos pelos braços e arrastaram-no para a quinta, seguidas pelo João e pelo Chico, entusiasmadíssimos com a ideia de explorar uma quinta deserta e apanhar um criminoso.

— Vocês estão todos doidos! — resmungava o Carlos, praguejando. — Não veem que é impossível? Uma hora não dá para nada! Além de que é perigosíssimo! Sabemos lá que espécie de vândalo é que atacou a quinta! Pode fazer-nos mal...

— Temos de tentar, mano! Pode ser impossível e perigoso, como dizes... Mas também é superemocionante e não consigo resistir.

Os cinco entraram na quinta, procurando o barracão que tinha sido vandalizado. Carlos, silencioso e cheio de receio, só pensava: como seriam eles capazes de descobrir o criminoso numa hora e sair ilesos?



## A INVESTIGAÇÃO COMEÇA

Não foi difícil encontrar o barracão dos mantimentos. Bastava passar pelos cavalos, vacas e ovelhas e ir até ao fundo da quinta. Na parte final, entre duas pequenas construções, existia uma grande zona dedicada às plantações, que ensinava os visitantes sobre a agricultura e as hortas. De um lado das hortas estava uma construção pequena e baixa, perto de um pequeno lago: um galinheiro. Na outra ponta das hortas, via-se um barracão de metal com apenas uma janela. Quase passava despercebido se a porta de madeira não estivesse arrombada e partida em mil bocados espalhados pelo chão.

— É ali! — gritou o Chico, incapaz de esconder o entusiasmo.  
— Anda, João, vamos explorar!

Enquanto os dois avançavam, a Catarina e a Rita encurralaram o Carlos com olhares fulminantes.

— Vais alinhar na aventura ou preferes ir ter com os pais e ficar a ler um livro? — perguntaram em uníssono.

— Pronto, pronto! — rendeu-se o Carlos, contrariado. — Eu ajudo. Vamos lá descobrir o autor deste crime! — E seguiu as raparigas em direção ao barracão.

Lá dentro, já o Chico tirara as suas lanternas e começava a distribuí-las. Quando chegou, o Carlos percebeu porque é que o guarda receara que não fosse seguro deixar entrar visitantes: as caixas de ferramentas estavam todas no chão; as latas de comida tinham sido revolvidas e atiradas pela pequena divisão; as sacas de batatas estavam todas rasgadas e as batatas espalhadas por todo o lado, muitas delas esmigalhadas, cobrindo o chão com uma película de sujidade pegajosa. O cenário era de grande destruição e sujidade e fazia adivinhar uma cena onde fora aplicada uma força brutal.

Munidos de lanternas, os primos começaram a investigar as paredes e as janelas, à procura de pistas.

— Parece que estão aqui impressões digitais... — comentou o João, apontando para a tampa de uma caixa de ferramentas —, mas não dá para perceber bem como são, está escuro...

— Acho que tenho uma ideia! — disse o Carlos, que finalmente começava a revelar algum entusiasmo.

— Mano, vou só tirar da tua mochila um lápis de carvão e o canivete suíço. Pronto, cá estão.

Raspamos um pouco do bico de carvão





do lápis com o canivete, e... tcharã! Temos um pó negro excelente para investigar impressões digitais! <sup>3</sup>

— Boa ideia, minorca! — elogiou o João, surpreendido. — Mas e agora, o que fazemos com esse pó?

— Bem, precisamos de cobrir as impressões que descobriste com este pó. O ideal era um pincel delicado, mas não temos nenhum...

— Um pincel de maquilhagem serve? — perguntou a Rita, tirando do bolso uma espécie de pincel espesso e fofo.

— Sim, é perfeito! — anuiu o Carlos. — Mas... porque tens tu um pincel destes? Tu maquilhas-te?

Os três rapazes olharam para a Rita, como se desconfiassem de que ela era um extraterrestre que ia explodir a qualquer momento.

— Não exatamente... — disse ela baixinho, olhando para os pés. — Hoje de manhã esgueirei-me para o quarto da mãe e experimentei a maquilhagem dela. Mas depois lavei a cara. Devo ter-me esquecido de devolver este pincel, porque há bocado reparei que estava no bolso das calças. Ei, parem de olhar assim para mim! Só queria experimentar, OK?

— Não te preocupes, Rita! — confortou-a a Catarina, pondo o braço em cima da prima. — Não liguês aos rapazes, eles não

---

<sup>3</sup> Procura no Caderno de Experiências, na página 75, e descobrirás diferentes maneiras de explorar impressões digitais. Torna-te um verdadeiro detetive!

percebem nada. Eu também já fiz isso, não tem mal nenhum. É uma coisa de miúdas.

— Pois, isso. De miúdas — concordou a Rita, fortalecida com o apoio da prima. Atirou o pincel aos gémeos e pôs, também ela, o braço por cima do ombro da prima. E juntas deitaram a língua de fora aos rapazes.

— Está bem, está bem. Vamos mas é ao que interessa! — E o Carlos passou o pincel sobre o pó de impressões digitais, começando a cobrir a caixa com ele. Lentamente, debaixo dos olhos deles, o pó começou a revelar a pista. Primeiro um dedo, depois outro, até se descobrir uma mão inteira.

— Olhem! — murmurou o Chico, surpreendido. — É a impressão de uma mão completa! E é uma mão direita! Mas parece imperfeita, reparem. Tem uma falha ao longo da palma da mão...

— Talvez não seja imperfeita. Talvez seja mesmo assim e a pessoa que deixou esta impressão digital tenha uma cicatriz grande na palma da mão direita... — especulou o Carlos.

Debruçados os cinco à volta da tampa da caixa de ferramentas, foram apanhados de surpresa quando a Rita murmurou baixinho:

— Malta... não quero assustar-vos, mas acho que estou a ouvir passos.

Ao olharem para trás, foi com horror que se aperceberam de um vulto negro e enorme parado na ombreira da porta.

# Gostas de ler? Adoras aventuras e fazer experiências? O Clube dos Cientistas é a coleção perfeita para ti!

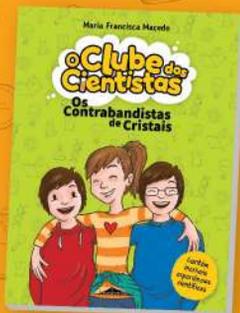
A Catarina, o Chico e o Carlos são três irmãos curiosos, fascinados pela ciência e sempre em busca de mistérios. Vais divertir-te a ler as suas histórias empolgantes e cheias de ação!

Se fores como eles, não vais resistir a ler o Caderno de Experiências até ao fim e pôr mãos à obra.

*Os irmãos vão celebrar o seu aniversário com a família, numa visita à quinta pedagógica. Mas ao chegarem encontram o guarda desolado. A quinta foi assaltada e vandalizada! No meio da investigação, descobrem outros desaparecimentos estranhos... Quem estará por detrás deste mistério?*

**Junta-te ao Clube dos Cientistas e vem resolver  
Um Estranho Caso na Quinta!**

**Não percas o outro  
título da coleção!**



 livros que saltam à vista	ISBN 978-989-707-444-8
20 20 editora	7+  9 789897 074448
	Conhecimento e Atividades